

O *Jornal Rascunho* e a questão dos suplementos literários no Brasil contemporâneo

BIANCA FERRAZ BITENCOURT ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo indicar perspectivas para se pensar como a crítica literária se apresenta no Brasil contemporâneo. Essa discussão perpassa, obrigatoriamente, a trajetória percorrida pela imprensa e pela literatura no País, levando em consideração o papel dos periódicos para o desenvolvimento da crítica literária. Tenciona-se também refletir sobre a maneira como a literatura se manifesta na imprensa atual, considerando que grande parte dos suplementos literários não mais existe. Para isso, o corpus escolhido como objeto de estudo foi o *Jornal Rascunho*, de Curitiba. A partir dele, pretende-se pensar como se constrói o discurso da crítica literária contemporânea dentro de um jornal especializado que tem, portanto, um público-alvo específico e formas de circulação diferentes das existentes nos suplementos literários das décadas anteriores. Não há o intuito de responder a todas as problematizações colocadas, mas se espera que as questões indicadas neste artigo possam servir de base para estudos que se dediquem à crítica literária brasileira, criando possibilidades de análise e caminhos para uma reflexão sobre essa prática na atualidade.

Palavras-chave: *Jornal Rascunho; crítica literária; suplementos literários; imprensa.*

ABSTRACT

This work aims to propose perspectives of thinking about how literature criticism is presented in contemporaneous Brazil. This discussion mandatorily runs through the trajectory traveled by press and by literature in this country, considering the periodics' role for literary criticism developing. It is also tended to reflect about the way literature manifests in current press, considering that most of the literary supplements does not exist anymore. Therefore, the corpus chosen as object of study was the *Jornal Rascunho*, from Curitiba. From this object, it is intended to think about how the speech of contemporaneous criticism literary is constructed within this specialized newspaper, that has, so, a specified target audience and different forms of movement from those found in literary supplements in earlier decades. There is no intention to answer all the problematizations placed here, but it is expected that the questions indicated in this article serve as a basis for engaged studies about Brazilian literary criticism, creating analysis possibilities and paths for reflection on this practice in the current days.

Keywords: *Jornal Rascunho; literary criticism; literary supplements; press.*

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp).

1. *Imprensa e literatura: caminhos intrincados*

Jornalismo e literatura podem ser facilmente relacionados, pois ambos têm, em seu cerne, o trabalho com as palavras. No entanto, limitar a relação entre eles a apenas esse aspecto é ignorar uma série de elementos essenciais para a compreensão do desenvolvimento da imprensa e da própria evolução da literatura. Se, por um lado, a linguagem une essas duas áreas, por outro, a maneira como é utilizada pode definir se estamos frente a um texto literário ou a um texto jornalístico.

De modo mais geral, um texto jornalístico costuma ser associado a “uma espécie de testemunho do ‘real’, fixando-o e ao mesmo tempo buscando compreendê-lo” (BULHÕES, 2007, p. 11). Para isso, tende-se a utilizar uma linguagem considerada mais objetiva, um discurso em que haja pouco envolvimento do repórter, isto é, busca-se um foco mais impessoal, o que, na maioria dos casos, se reflete na falta de espaço para experimentações de estilos de escrita próprios. Responder às questões básicas (O quê? Quem? Onde? Quando?) torna-se o núcleo da unidade de escrita jornalística, ou seja, a reportagem em detrimento de interações com o cenário e os personagens da história relatada.

Em contrapartida, tem-se a literatura. Esta, segundo Bulhões (2007, p. 12), diferentemente do jornalismo, não utiliza a linguagem como meio, mas como fim, o que significa dizer que a linguagem ocupa o papel central do discurso e, portanto, “se há algo para se comunicar na literatura, esse algo só existe pelo poder conferido à conduta da própria linguagem”. Assim, a literatura seria um espaço em que a linguagem pode ser subjetiva e no qual a voz do autor se expressa de maneira livre.

Confrontando-se essas duas definições, seria possível pensar, então, que os caminhos tomados pelo jornalismo e pela literatura, apesar de terem um ponto importante em comum, são totalmente diferentes. O fato, no entanto, é que por muitas vezes na história essas duas áreas têm se encontrado e até mesmo se confundido, tornando assim a relação entre elas mais complexa e intrincada do que pareceria à primeira vista.

A relação que se estabelece entre jornalismo e literatura, permeada por dicotomias como dinheiro *versus* arte, e realidade *versus* ficção, precisa ser analisada com outros olhos. Nos meios acadêmicos, há um discurso fundador da literatura internalizado que separa a arte literária da produção textual remunerada, considerando aquela menos artística por isso. Nas palavras de Lajolo & Zilberman (2001, p. 71): “Na tradição dos Estudos Literários, não é de bom tom misturar questões de dinheiro com literatura, apagando-se o caráter econômico das atividades culturais”.

O apagamento desse caráter econômico, entretanto, resulta em perdas significativas para uma pesquisa dedicada ao estudo da relação entre esses tipos de escrito, pois se deve levar em

consideração que, por muito tempo, o jornalismo foi um refúgio para os escritores que não conseguiam se sustentar com a literatura. Dessa forma, cair no simples maniqueísmo do que é bom ou ruim, do que é arte pura ou comprada, é ignorar uma parcela significativa de autores que se utilizaram do jornal e do jornalismo como ferramentas remuneradas para não se afastarem do trabalho com a linguagem.

Além disso, é importante lembrar a questão do folhetim. Muitos textos literários foram publicados primeiramente nas páginas dos jornais. Sendo assim, a literatura se fez manifesta no ambiente jornalístico ou pela presença de seus autores atuando como jornalistas, ou através das publicações de caráter literário que eram veiculadas pela imprensa escrita.

Com a chegada do século XX, cada vez mais a separação entre literatura e jornalismo começou a se delinear e, ainda que não seja definitiva, foi alimentada pelas dicotomias anteriormente citadas e por outras mais.

2. O espaço da crítica literária na imprensa

Até o século XIX, ou mesmo até meados do século XX, literatura e imprensa se confundiam. Isso se dava porque o objeto livro ainda não era popular; eram os jornais que conferiam notoriedade e proporcionavam o sustento dos escritores. Como em uma relação simbiótica, a imprensa vivia da literatura, na medida em que esta era publicada em larga escala, e a literatura era sustentada pela imprensa, considerando que o periodismo empregava os literatos e escritores.

No século XX, entretanto, a imprensa passou por mudanças e, desde então, as colaborações literárias dentro dos jornais passaram a ser consideradas matérias à parte, pois o jornal não tinha mais interesse em ser – todo ele – literário. Essa revolução, por assim dizer, se iniciou nas primeiras décadas do século XX, com o período de modernização das grandes cidades brasileiras, coincidindo, por exemplo, com a chamada *Belle Époque* carioca, em que as obras de Pereira Passos visavam à construção de uma metrópole nacional que poderia se equiparar às europeias. As reformas promovidas pelo prefeito mudaram as relações capitalistas e sociais presentes no Rio de Janeiro da época, local em que grande parte dos literatos se encontrava. Com isso, a imprensa também sentiu necessidade de mudanças, e, assim, a literatura passou a aparecer em seções de crítica em rodapé, esboçando o que, mais tarde, seria chamado de suplemento literário.

Nas décadas seguintes, consolidou-se o que a Teoria Crítica chamou de “cultura de massas”, e, em paralelo a isso, ocorre uma mudança no perfil da crítica literária no Brasil. De acordo com Süsskind (2003), entre os anos 1940 e 1950, havia a chamada “crítica de rodapé”, feita por bacharéis não especializados. Aos poucos, outro modelo de crítica ganha espaço: a universitária, ocasionando uma substituição do rodapé pela cátedra, ou seja, passando a palavra (e o poder) para aqueles com aprendizado técnico, os críticos-professores.

Dessa forma, os anos 1960 a 1970 foram anos academicistas, o que fez a crítica manter-se autoconfinada ao *campus* universitário, pois houve redução do espaço jornalístico destinado a ela, culminando assim na dificuldade de circulação dessa produção acadêmica. Mais tarde, nos anos 1980, com o crescimento do mercado editorial, estimulou-se uma nova ampliação do espaço para a literatura na imprensa, o que foi concomitante, entretanto, com o desestímulo à crítica literária mais atenta, justificado pela impulsão do livro (e da obra literária, conseqüentemente) como objeto mercadológico, o que significa que o interesse da imprensa estava mais no sentido de divulgar livros para vendê-los do que para fazer uma análise deles. Com isso, o espaço destinado para a literatura passou a ser ocupado por resenhas e notícias, geralmente rasas, que propunham um tratamento comercial do livro.

Assim, segundo a esquematização proposta por Sússekind (2003), pode-se perceber que a crítica literária, ao longo do século XX, passou por mudanças em sua estrutura e mesmo em sua relação com a grande imprensa. Diante disso, entende-se a importância de verificar de que forma a crítica aparece nos cadernos da imprensa atual, bem como quais as relações que a literatura estabelece com os novos sentidos e perspectivas propostos pela dinâmica social contemporânea. Isso significa investigar o modo de o jornalismo cultural se apropriar da obra literária e transformá-la em objeto de trabalho, pautando-se pelas seguintes questões: há um tratamento uniforme do mercado editorial? As obras divulgadas são de gêneros literários diversos ou há a predominância de um deles? Os livros são analisados ou apenas apresentados e resumidos? Pretende-se, desse modo, olhar o *Jornal Rascunho* para além de sua forma física e de sua existência material, ou seja, levando em conta, sobretudo, as tensões que se fazem presentes em cada escolha editorial sobre o que publicar em cada edição, como tratar os temas escolhidos e como chegar a um determinado tipo de leitor que constitui o público-alvo do periódico.

Portanto, este trabalho inicial tem o objetivo de refletir sobre a permanência do *Rascunho* no Brasil contemporâneo a partir da análise de suas edições e publicações. Nesse sentido, considera-se que o trabalho potencialmente pode servir de base a outros estudos que se dediquem à área, questionando e refletindo sobre o lugar da crítica literária na imprensa atual, a partir de um *corpus* específico.

3. O Jornal Rascunho

Criado em Curitiba, no dia 8 de abril de 2000, pelo jornalista e escritor Rogério Pereira, o *Jornal Rascunho* é um dos remanescentes do ramo dos chamados suplementos literários. Atualmente, o jornal conta com duas versões: a impressa, de 32 páginas (eram 48 até a edição de maio de 2016), em formato berliner (denominação do formato de jornal com páginas que medem normalmente 470 por 315 milímetros), que depois de sua publicação é disponibilizado no formato PDF no site do jornal (www.rascunho.com.br) desde maio de 2008.

As publicações do jornal são de gêneros variados, contando com ensaios, resenhas, entrevistas, textos de ficção (contos, poesias, crônicas e trechos de romances) e ilustrações. Segundo dados disponíveis no site do jornal (acesso em 10/2/2016), a edição impressa teve tiragem de cinco mil exemplares em dezembro de 2015. No mesmo mês, a quantidade de acessos únicos ao site foi de 94.886, sendo que 391.338 páginas foram lidas.

A periodicidade do suplemento é mensal e a assinatura custa 90 reais no plano anual, e 50 reais no plano semestral. No site do jornal, há uma aba em que se pode fazer a assinatura, e nela consta o seguinte dizer: “O único jornal impresso independente de literatura continua a existir”. Essa frase, em conjunto com o *slogan* do jornal (“O jornal de literatura do Brasil”), traz um panorama da produção do jornalismo cultural no Brasil contemporâneo. Os antigos suplementos literários tornaram-se mais abrangentes, abrindo espaço para outras artes e outros assuntos, como moda, gastronomia, teatro, cinema, o que alguns estudiosos chamam de cadernos culturais ou cadernos de variedades. Nesse sentido, ao ele afirmar-se como o jornal de literatura do Brasil, já há uma tentativa de preencher uma lacuna, a qual teria se formado no processo de abertura para outras áreas que foram ocupando espaços antes mais restritos à literatura.

Outras palavras de ordem que aparecem na publicidade do jornal em sua própria *webpage* são: inédito, independente e implacável. A escolha desses termos confirma a preocupação em assumir um posto que estava, de certa forma, desfalcado. Além disso, a implacabilidade do jornal remete, em alguma medida, à retomada do espaço da crítica literária de fôlego, ou seja, aquela que fugiria das resenhas superficiais muitas vezes encontradas na mídia. Esse espaço marcaria uma continuidade dos suplementos literários de excelência, por assim dizer, como foi em O Suplemento Literário, d’*O Estado de S. Paulo*.

A retomada de elementos característicos dos suplementos tradicionais da imprensa brasileira é uma possibilidade de novos caminhos para os estudos concentrados na crítica literária contemporânea brasileira, que pode procurar respostas (ou, ao menos, indícios delas) para questões como: (1) É possível falar de suplemento literário no Brasil contemporâneo tal como os moldes da segunda metade do século XX?; (2) Qual é a literatura que tem espaço no jornal especializado da atualidade? Há poesia? Isto é, qual é o perfil das obras exploradas pelo jornal?; (3) A crítica feita é rasa, com caráter mais panfletário, ou apresenta mais aprofundamento?; (4) As obras que são tema de resenhas ou ensaios são consagradas? Ou há espaço para a novidade?; e (5) Os autores apresentados são os clássicos? Há incentivo a autores nacionais e ainda pouco conhecidos dentro do mercado literário?

O *Rascunho* é constituído por diversas seções, que privilegiam diferentes abordagens de temas relacionados à literatura, apresentando resenhas, por exemplo, ao mesmo tempo em que tratam de assuntos teóricos da crítica literária, como em “A literatura na poltrona”, coluna assi-

nada por José Castello. Outro fator importante é a presença da seção “Eu, o leitor” que publica comentários e sugestões feitos pelos leitores ao jornal. Além disso, há também a publicação de textos literários, como crônicas e poesias, bem como de ilustrações, charges e outras produções criativas. Nesse sentido, é possível perceber que o jornal aposta na diversidade de gêneros textuais para a composição da unidade: uma única edição é composta por resenhas, ensaios, colunas de crítica, textos de ficção e entrevistas, além de ilustrações.

Outro ponto interessante é que existem colunas exclusivas ao site, o que remete à questão da apropriação dos novos meios de comunicação: as estratégias aplicadas à versão impressa não podem ser inteiramente transpostas para a versão digital, pois a rede, isto é, o mundo *on-line*, oferece recursos diferentes que caracterizam uma interação e uma experiência com o conteúdo diversa daquela realizada pelo leitor que possui a versão impressa do jornal. Isso pode ser visto, por exemplo, na seção “Notícias”, que, ao trazer manchetes relacionadas ao mundo literário, se aproxima mais de um padrão de jornalismo que privilegia o *lead* (esquema que conta com as informações principais de um acontecimento, muitas vezes norteado pelas questões: o quê?; quem?; quando?; como?; onde?; por quê?). Esse modelo de jornalismo é o que predomina nos jornais cotidianos e, nele, o texto está preocupado com características como a objetividade, a clareza e a transmissão de informações. Esse tipo de texto é também bastante comum na internet, visto que esse esquema de responder perguntas básicas e essenciais sobre um acontecimento economiza o tempo do leitor, que é bombardeado com muitas possibilidades e caminhos de leitura, sobretudo na navegação digital.

A perspectiva desta breve apresentação do *Jornal Rascunho* e das possibilidades de questionamento e direções de pesquisa é, então, configurar o jornal como um objeto de estudo uno e suficiente em si para refletir sobre questões concernentes ao domínio da imprensa, do mercado editorial e da crítica literária no Brasil contemporâneo.

Assim, em consonância com estudos como *O Suplemento Literário d’O Estado de São Paulo 1956-67 (Subsídios para a história da crítica literária no Brasil)*, de Marilene Weinhardt, e *Sabático: um novo tempo para a leitura?(A retomada do Suplemento Literário no Estado de S. Paulo)*, de Juliana Meres Costa, pretende-se refletir sobre a prática da leitura de literatura e sobre como a maneira de tratar a obra literária se constitui dentro de um periódico, considerando suas concepções formais, ideológicas, históricas, sociais e mercadológicas. Com esse estudo, seria revelada, então, a complexidade de construir e estabilizar um espaço em que os jogos de força presentes dentro do âmbito cultural se enfrentariam em busca de representação, legitimação e prestígio. Além disso, constituir-se-ia também como um importante subsídio para a história da leitura, ao pensar em como se constrói a figura do leitor que o jornal se propõe a atingir e a instigar.

4. Considerações finais

A breve apresentação feita neste trabalho aponta, por fim, uma face mínima, a partir de uma análise bastante simplificada do *Jornal Rascunho*, que ajuda a vislumbrar, ainda que de forma superficial, como se dá a sua configuração atual. Esta, entretanto, deve ser contraposta ao percurso traçado pelo jornal desde seu surgimento, e deve também ser entendida como parte de um processo de renovação (ou reinvenção) de modelos do jornalismo cultural dentro da imprensa brasileira no início do século XXI. Não se trata, entretanto, de analisar modelos apenas a partir de um olhar jornalístico, mas tentar compreender, de fato, como esses modelos constituem-se com relação aos seus leitores, aos seus próprios parâmetros de edição e de seleção, e, sobretudo, em sua relação com a literatura (e com as representações dela).

Assim, conclui-se que o estudo aqui proposto visa tecer e refletir sobre as relações contínuas entre literatura e imprensa, com enfoque especialmente em um caderno especializado que circula no Brasil contemporâneo, buscando, então, em consonância com os estudos da história da leitura e da crítica literária, definir (ou, ao menos, mapear) qual é o lugar da crítica na imprensa atual e como se consolidam as relações entre o discurso e o público leitor. Considera-se importante também pensar sobre qual é o tipo de discurso construído a partir da literatura e em qual direção ele caminha: a tendência de um jornal especializado, que se intitula “o jornal de literatura do Brasil” é aproximar a literatura de um público geral, ou é constituí-la segundo os moldes já preconizados pelo cânone, restringindo-a a um público mais seletivo e menos variável? Com isso, espera-se discutir o próprio *status* da produção literária dentro da sociedade e a maneira como essa produção é apropriada (ou não) para legitimação de ideologias dentro de um meio de comunicação preferencialmente endereçado a um público específico, o que possivelmente contribuirá para os estudos da área, proporcionando reflexões mais aprofundadas sobre as diversas questões pontuadas até aqui.

5. Referências

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

COSTA, Juliana Meres. *Sabático: um novo tempo para a leitura? (A retomada do Suplemento Literário no Estado de S. Paulo)*. 2012. 448 [50] p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000846211>>. Acesso em: 6 set. 2016.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **O Preço da leitura: leis e números por detrás das letras**. São Paulo: Ática, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: **Papéis colados**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003, pp. 15-36.

WEINHARDT, Marilene. **O suplemento literário d'O Estado de São Paulo, 1956-67**: (Subsídios para a história da crítica literária no Brasil). 1982. 2 v. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP.